

VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO
TRABALHO. O TRABALHO NO SÉCULO XXI. MUDANÇAS,
IMPACTOS E PERSPECTIVAS.

Grupo de Trabalho - 11

Empresas, Empresarios, Modelos Productivos y Trabajo.

Título do trabalho

Multinacionais e suas interfaces – num contexto de reconfiguração do capitalismo e do mundo do trabalho no século XXI – o caso, C&A Modas: uma *fast fashion* do comércio varejista.

Silvio Matheus Alves Santos

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Resumo:

O objetivo deste artigo é fazer uma discussão sobre a multinacional, especificamente, a C&A Modas, analisando a sua inserção nos processos de transformação do capitalismo e no mundo do trabalho na atualidade. (compõem tais processos de transformação: reestruturação produtiva, precarização, terceirização, utilização do método de organização flexível no comércio varejista e etc.) Além dessa discussão, visamos problematizar sobre os aspectos da sua mobilidade: tanto espacial, com a desterritorialização e territorialização da sua produção (ou atividades produtivas) e seus impactos positivos e/ou negativos; quanto a sua flexibilização interna e externa nos modos de organização da produção e das relações de trabalho. Este artigo é um compêndio de uma pesquisa de mestrado, de caráter qualitativo.

Resumo expandido:

No intuito de fazer a discussão sobre as questões colocadas, partiremos de alguns pontos que julgamos indispensáveis para o êxito de tal proposição. Primeiramente, explicitaremos, de forma sucinta, o que foi a transformação do capitalismo no final do século XX e em decorrência o surgimento de processos como: reestruturação produtiva, revolução tecnológica e globalização da economia. Para com isso, compreendermos melhor o atual contexto do capitalismo, do mundo do trabalho e das suas “novas” características.

O estudo do Harvey (2008) sobre essas “*Transformações político-econômica do capitalismo do final do século XX*” - ressaltando que tal estudo irá compor o seu livro “*A Condição Pós-Moderna*” - torna-se de grande importância neste artigo; visto que nos auxiliará na identificação de “quão profunda e fundamental pode ter sido a mudança”. E que os variados sinais que foram deixados e que se transformaram em marcas de modificações radicais podem ser identificados como processos de trabalho, hábitos de consumo, poderes e práticas do Estado.

Harvey (2008, p. 117) nos propõem a necessidade de representar todos os grandes eventos ocorridos desde a primeira grande depressão do pós-guerra, em 1973. E também, que não percamos de vista “o fato de as regras básicas do modo capitalista de produção continuarem a operar como forças plasmadoras invariantes do desenvolvimento histórico-geográfico”.

Ele enxerga no colapso de 1973, o início de rápida mudança, fluidez e de incerteza. No período de expansão do pós-guerra que foi de 1945-1973, “teve como base um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico, e de que esse conjunto pode com razão ser chamado de fordista-keynesiano”. (HARVEY, 2008, p. 118)

Na sua hipótese defende que os contrastes entre as práticas político-econômicas na atualidade e a do período de expansão do pós-guerra, são significativos para reforçar uma passagem do fordismo para o que poderia ser chamado de “regime de acumulação flexível” uma reveladora maneira de caracterizar a história recente. Todos os acontecimentos, apresentados anteriormente, levaram a um amplo movimento de

reestruturação do capital, possibilitaram transformações no contexto histórico do trabalho, diante de cenários de crises que instauram mudanças nas formas de organização do trabalho.

Neste período, o capitalismo vai alcançar fortes taxas e relativamente estáveis de crescimento. “Os padrões de vida se elevaram, as tendências de crises foram contidas, a democracia de massa, preservada e a ameaça de guerras intercapitalistas, tornada remota.” Com a aliança estabelecida entre o fordismo e o keynesianismo, o capitalismo passa por um momento de expansão internacionalista de “alcance mundial que atraiu para sua rede inúmeras nações descolonizadas”.

Depois de certo período de crescimento, observamos que o fordismo vai sofrer um grande abalo com a crise dos anos 70. “As corporações viram-se com muita capacidade excedente inutilizável (principalmente fábricas e equipamentos ociosos) em condições de intensificação da competição” (HARVEY 2008, p. 137). Isso as forçou a entrar num período de racionalização e de reestruturação. Com isso, possibilitando fatores como “a mudança tecnológica, a automação, a busca de novas linhas de produto e nichos de mercado, a dispersão geográfica para zonas de controle do trabalho mais fácil [...]”.

Esta passagem reforça o quanto as décadas de 70 e 80 foram períodos conturbados de “reestruturação econômica” e de “reajustamento social e político”. Neste contexto social formado por todas as oscilações e incertezas, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social e política começaram a tomar forma. Estes acontecimentos vão desencadear a passagem do modelo fordista, caracterizado por sua “rigidez” produtiva e organizacional, para o regime de “*acumulação flexível*”.

A acumulação flexível terá como um dos pilares de sustentação a “flexibilidade” dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Também envolverá, neste regime, o que Harvey (2008) denominará de “compressão do espaço-tempo” no mundo capitalista – “os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitou cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variado”.

Pensando “novo desenho empresarial”, Pochmann (2001, p. 43) colocará que esse “novo desenho” se realizaria “a partir do pressuposto da empresa enxuta e competitiva, com ampla integração nas fábricas, maior flexibilidade produtiva e inovadores processos produtivos (*just-in-time*, sistema de informação, células de produção e minifábricas)”. Compete, ainda, à empresa moderna: “focalizar a produção, terceirizar atividades ligadas aos serviços de apoio (alimentação, segurança, transportes etc.) e à produção (componentes definidos em rede)”. (p. 43)

Reforçando essa discussão, Boltanski e Chiapello (2009) afirmam que: “assistimos ao nascimento de novas estruturas empresariais mais próximas da rede do que da grande empresa da era industrial”. O novo modelo de arranjo produtivo implica em novos métodos de gerenciamento, no qual a maior parte deles é oriunda de empresas japonesas. Castells enfatiza que o modelo japonês tem sido “imitado por outras empresas, bem como transplantado pelas companhias japonesas para sua instalação no exterior, frequentemente levando a enorme melhoria no desempenho das empresas em comparação ao sistema industrial tradicional” (CASTELLS, 1999, p. 214).

Boltanski e Chiapello (2009) ainda argumentam sobre a participação desse tipo de empresa e seus desdobramentos, principalmente no setor de serviços. Esses autores apresentam algumas das funções desempenhadas por um conjunto de empresas-rede, ou, “grandes lojas especializadas” (que corroboram com a realidade da empresa estudada neste trabalho). Dentre as funções temos: “decoração de lojas, formação dos varejistas, determinação de preços de venda ‘sugeridos’, publicidade de uma etiqueta ou de uma marca, acompanhamento informatizado de vendas, compras, estoque, introdução de produto no catálogo e/ou criação de novo produto, fabricação ou terceirização de fabricação e controle de qualidade de produto” (idem, p. 246).

A multinacional e o caso C&A Modas

Boltanski (2009) quando escreve sobre a “*Desconstrução do mundo do trabalho*”, vai nos dizer que: “assistimos ao nascimento de novas estruturas empresariais mais próximas da rede do que da grande empresa da era industrial”. Num trecho interessante do seu livro “*A Mundialização do Capital*”, no que irá discutir “*A empresa multinacional*

hoje”; Chesnais (1996) parece contribuir na discussão, com o Boltanski, quando relaciona os desdobramentos das multinacionais com a questão da mobilidade. Chesnais (1996, p. 81) expõem que “nestas condições, um dos atributos ‘ideais’ do capital, que é também, mais do que nunca, um dos objetivos concretos colocados pelo grupo (compreendemos como as multinacionais), é a mobilidade, a recusa a se prender a determinadas modalidades de comprometimento setorial ou geográfico – qualquer que tenha sido sua importância na formação e crescimento do grupo”.

A C&A está dentro do comércio varejista. Este ramo de atividade no Brasil pode ser classificado em comércio lojista e não lojista. Neste caso, o comércio seria lojista, que por sua vez, pode ser constituído de pequenos, médios e grandes estabelecimentos, que podem atuar mediante lojas de rua, galerias comerciais, *strip centers* (junto a grandes lojas) e *shopping centers*.

A C&A foi fundada em 1841 pelos irmãos Clemens e August Brenninkmeijer, cujas iniciais formam o nome da empresa multinacional. Sua primeira loja foi inaugurada em Sneek, uma cidade da Holanda, onde se tornaria a primeira loja do mundo a oferecer, ou melhor, vender roupas prontas aos consumidores.

A empresa, aqui constituída como objeto delimitado do problema, possui mais de 200 lojas, em mais de 60 cidades, só no Brasil, empregando mais 17 mil pessoas e fazendo negócio com mais de 400 fornecedores. (Dado obtido através de folheto entregue aos clientes na própria loja).

Também de acordo com dados do ano de 2010 do Instituto Observatório Socioal, “a C&A é uma das maiores cadeias mundiais de varejo de moda para mulheres, homens e crianças. Com uma grande variedade de marcas, a empresa opera em 16 países da Europa, três países da América Latina (Argentina, Brasil e México) e também na China”. (IOS, 2010, p. 23)

O método da pesquisa, utilizado foi o qualitativo, com a realização de entrevista semi-estruturada e de método focalizado. Na pesquisa nos detemos, também, a algumas questões que vão além do posicionamento da multinacional, no setor de serviços; como o discurso dos entrevistados e suas subjetivações intrinsecamente relacionadas com a organização do trabalho da empresa C&A Modas. Complementa-se aos procedimentos

da pesquisa uma observação direta dos dias de trabalho dos funcionários estáveis. Para que assim, pudéssemos ir além das respostas com a compreensão das condições de trabalho e uma melhor interpretação de como se relacionam, em seu contexto familiar, frente aos processos de intensificação, precarização e sofrimento.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

BEYNON, Huw. “As práticas do trabalho em mutação.” In: *Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos - Reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil*, por Ricardo ANTUNES, 9-38. São Paulo: Boitempo, 1998.

BOLTANSKI, Luc, e Ève CHIAPELLO. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

CORIAT, Benjamin. *Pensar pelo Avesso*. Rio de Janeiro: Revan: UFRJ, 1994.

FONTENELLE, Isleide Arruda. *O Nome da Marca - Mc Donald's, fetichismo e cultura descartável*. . São Paulo: Boitempo, 2002.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2008.

IOS, INSTITUTO OBSERVATÓRIO SOCIAL -. “Comportamento Social e Trabalhista - C&A - Relatório Geral.” São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Eurenice de. *Toyotismo no Brasil: desencantamento da fábrica, envolvimento e resistência*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

PADILHA, Valquíria. *Shopping center: a catedral das mercadorias*. São Paulo: Boitempo, 2006.

POCHMANN, Márcio. *O Emprego na Globalização*. São Paulo: BoiTempo, 2001.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. “Páthos: Trabalho e Organização – Como uma organização do trabalho pode gerar, no trabalhador estável, um sofrimento?” *Revista Estudos do Trabalho*, Ano 4, Número 7, Marília, UNESP. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org>. Acesso em 18 de maio 2011. , 2010: 44-61.

SENNETT, Richard. *A Cultura do Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.